



Teologia Brasileira

Nº 106 | 2025 ISSN 2238-0388

Teologia e sexualidade segundo N. T. Wright

Franklin Ferreira

4

A posição do ser humano no relato da criação

Flávio Bessa

19

A crise entre secularização e cristianismo:

reflexões para um embate contemporâneo

Gabriel Joumblat

26

A Igreja e a terceira idade: uma perspectiva

teológica e pastoral

Franck Neuwirth

34

Lançamentos

43



VIDA NOVA

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplam a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Editor:

Franklin Ferreira

Produção editorial:

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação:

Sandra Reis Oliveira

Contato:

teologiabrasileira@vidanova.com.br

Editorial

Está disponível uma nova edição da revista Teologia Brasileira!

Nesta edição, Franklin Ferreira explora as principais contribuições de N. T. Wright sobre a homossexualidade, com base em seus escritos e pronunciamentos públicos.

Flávio Bessa da Costa reflete sobre a posição do ser humano na criação, abordando visões antibíblicas, como o materialismo e o panteísmo, e apresentando a perspectiva bíblica.

Gabriel Joumblat analisa a influência da filosofia grega, do direito romano e da moralidade judaico-cristã na formação do Ocidente e no papel do cristianismo como guia moral.

Franck Neuwirth destaca a importância de honrar os anciões, reconhecendo neles a sabedoria e o amor divinos, para um crescimento saudável entre gerações.

Boa leitura!

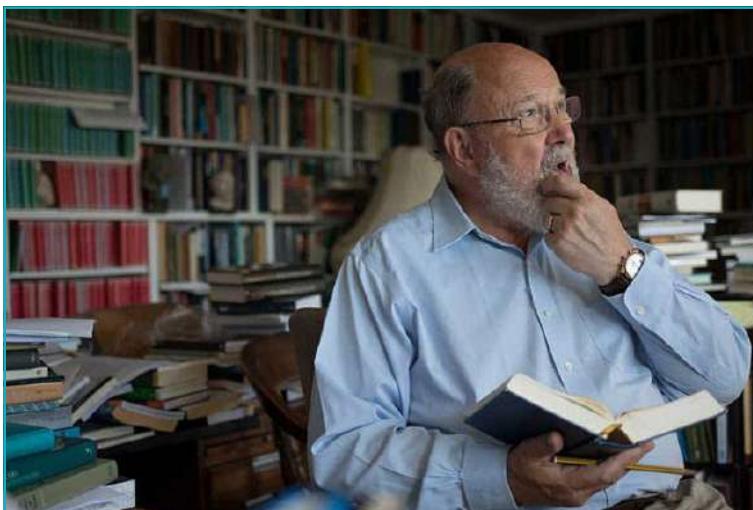


Assista ao vídeo!

Nesta palestra apresentada durante a Semana Teológica 2023 no Projeto Água da Vida, em Niterói, Hélder Cardin fala sobre como a cultura do evangelho transforma as igrejas.

Teologia e sexualidade segundo N. T. Wright

Franklin Ferreira



Nicholas Thomas Wright, popularmente conhecido como N. T. Wright, é amplamente reconhecido como um dos principais estudiosos do Novo Testamento na atualidade, com contribuições importantes para a teologia cristã. Como anglicano, ele se destacou por seu profundo estudo da teologia de Paulo, sendo conhecido por suas análises detalhadas das Escrituras e pela maneira como conecta esses textos a questões culturais e teológicas contemporâneas. Wright já ocupou posições de destaque, como bispo de Durham, entre 2003 e 2010, e também em renomadas instituições acadêmicas, incluindo a St Mary's College, da Universidade de St. Andrews, entre 2010 e 2019, e o Wycliffe Hall, da Universidade de Oxford, a partir de 2019. Autor de mais de 70 obras, sua série “Origens cristãs e a questão de Deus” é amplamente considerada como uma referência essencial para estudiosos e teólogos. O terceiro volume, *A ressurreição do Filho de Deus*, é considerado por muitos clérigos e teólogos como uma obra cristã essencial sobre a ressurreição de Jesus. O quarto volume, *Paulo e a fidelidade de Deus*, é aclamado como sua *magnum opus*.

Apesar de suas abordagens inovadoras em algumas áreas teológicas, Wright permanece firmemente enraizado na tradição cristã clássica em questões morais. Uma dessas questões é a homossexualidade, um tema que tem gerado intensos debates dentro e fora da Igreja cristã. Wright argumenta que as Escrituras oferecem uma visão clara sobre a complementaridade entre homem e mulher como parte essencial do desígnio criacional de Deus, refletindo tanto a ordem da criação quanto o mistério redentor da união entre Cristo e sua Igreja. Por meio de entrevistas, artigos e comentários bíblicos, ele apresenta uma compreensão robusta e coerente, enraizada na narrativa bíblica e na tradição cristã.

Este ensaio explora as principais contribuições de N. T. Wright sobre o tema da homossexualidade, com base em seus escritos e pronunciamentos públicos. Ao abordar sua perspectiva, busca-se não apenas compreender seu pensamento, mas também considerar os desafios e as implicações para a fé cristã em um mundo cada vez mais marcado pela tensão entre a tradição e a contemporaneidade. A reflexão proposta aqui é um convite a engajar-se com a profundidade teológica de Wright e a revisitar o que significa viver de forma fiel à Palavra de Deus em nossos dias.

Homem e mulher criados à imagem de Deus

Em 2002, em um artigo compartilhado em uma conferência sobre o futuro do anglicanismo, em Oxford, ele escreveu:

É claro que qualquer um pode dizer, com base em meu argumento até agora, que eles consideram a distinção entre comportamento homossexual e heterossexual como um daqueles distintivos culturais que são irrelevantes ao evangelho; que o comportamento homossexual simplesmente faz parte de algumas culturas hoje e que a igreja deve respeitá-lo, honrá-lo e abençoá-lo. Você não ficará surpreso ao saber que não compartilho dessa opinião. Não sou um especialista em debates atuais e recomendo dois livros esplêndidos: de Richard Hays, *The Moral Vision of the New Testament*, e de Robert Gagnon, *A Bíblia e a prática homossexual: textos e hermenêutica*. Mas talvez eu possa, como especialista de longa data na carta [de Paulo] aos Romanos, dar minha pequena contribuição.

A denúncia de Paulo da prática homossexual em Romanos 1 é bem conhecida, mas não tão bem compreendida, particularmente em relação ao seu lugar no argumento como um todo. Muitas vezes é descartada como se simplesmente disparasse alguns raios de estilo judaico contra alvos pagãos típicos; e é normalmente considerada como lidando apenas com a escolha deliberada de indivíduos heterossexuais de abandonar o uso normal [de seu corpo] e se entregar a paixões alternativas. Costuma-se dizer que Paulo está descrevendo algo bem diferente do fenômeno que conhecemos hoje, por ex., nas grandes cidades ocidentais.

Isso é enganoso. Primeiro, Paulo não está falando principalmente sobre indivíduos neste ponto, mas sobre toda a raça humana. Ele está expondo Gênesis 1-3 e olhando para a raça humana como um todo, então aqui ele está categorizando a grande abrangência da história humana como um todo – não, é claro, que qualquer indivíduo escape desse julgamento, como [Romanos] 3.19 em diante deixa claro. Em segundo lugar, o ponto de seu destaque de feminino e masculino se afastando do uso natural para o antinatural surge diretamente do texto que é seu subtexto, aqui e frequentemente em outros lugares: pois em Gênesis 1 é claro que macho e fêmea foram criados como portadores da imagem de Deus. É claro que o fator masculino e feminino não é específico da humanidade; o princípio de ‘masculino e feminino’ perpassa grande parte da criação. Mas os humanos foram criados para portar a imagem de Deus e receberam uma tarefa, de serem frutíferos e se multiplicarem, para cuidar do jardim e nomear os animais. O ponto de Romanos 1 como um todo é que quando os seres humanos se recusam a adorar ou honrar a Deus, o Deus que os criou à sua imagem, sua humanidade entra em modo de autodestruição; e Paulo vê claramente o comportamento homossexual como, em última análise, uma forma de desconstrução humana. Ele não está dizendo que todos que descobrem instintos homossexuais escolheram cometer idolatria e escolheram o comportamento homossexual como parte disso; em vez disso, ele está dizendo que em um mundo onde homens e mulheres se recusam a honrar a Deus, esse é o tipo de coisa que você encontrará.¹

¹“Communion and Koinonia: Pauline Reflections on Tolerance and Boundaries”, em: <https://ntwrightpage.com/2016/07/12/communion-and-koinonia-pauline-reflections-on-tolerance-and-boundaries/>. Infelizmente, em 2024, Hays abandonou a posição

Uma ruptura na comunhão anglicana

Em dezembro de 2005, N. T. Wright anunciou à imprensa, no dia em que aconteceram as primeiras cerimônias de união civil entre pessoas do mesmo sexo na Inglaterra, que ele provavelmente tomaria medidas disciplinares contra qualquer clérigo que se registrasse como estando numa união civil com uma pessoa do mesmo sexo ou qualquer clérigo que abençoasse tais uniões.²

Ele também foi membro sênior da Igreja da Inglaterra da Comissão de Lambeth, criada para lidar com as controvérsias surgidas após a Igreja Episcopal nos Estados Unidos autorizar clérigos a celebrar liturgias para abençoar pessoas em relacionamentos homossexuais. Escrevendo no *The Times*, em julho de 2009, ele afirmou que a decisão era uma “ruptura clara com o resto da Comunhão Anglicana”. Ele argumentou que:

O paganismo, tanto antigo quanto moderno, sempre considerou essa ética e essa crença como ridículas e inacreditáveis. Contudo, o testemunho bíblico está longe de se limitar, como sugere o estridente editorial do *Times* de ontem, a alguns versículos de São Paulo. A severa denúncia de Jesus contra a imoralidade sexual certamente teria transmitido aos seus ouvintes uma rejeição clara e implícita de todo comportamento sexual fora da monogamia heterossexual. Isso não é uma questão de ‘resposta privada às Escrituras’, mas sim do ensinamento uniforme de toda a Bíblia, do próprio Jesus e de toda a tradição cristã.

O apelo à justiça como uma forma de resolver o dilema ético a favor da inclusão de homossexuais ativos no ministério cristão simplesmente pressupõe a conclusão. Ninguém tem o direito de ser ordenado: isso é sempre um dom de pura e imerecida graça. Além disso, esse apelo distorce gravemente a própria noção de justiça, não apenas na tradição cristã de Agostinho [de Hipona], Tomás de

bíblica ortodoxa, o que foi celebrado, inclusive, na CNN. Cf. Robert A. J. Gagnon, “The Deepening of God’s Mercy through Repentance: A Critical Review Essay of The Widening of God’s Mercy: Sexuality within the Biblical Story”, em: <https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/the-deepening-of-gods-mercy/>. O livro notável de Gagnon, *A Bíblia e a prática homossexual: textos e hermenêutica*, foi publicado por Edições Vida Nova em 2021.

²“Gay vicar flouts partnership rule”. BBC News. 21 December 2005. Retrieved 11 November 2008: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/england/4548648.stm>.

Aquino e outros, mas também na discussão filosófica mais ampla, de Aristóteles a John Rawls. Justiça nunca significa ‘tratar todos da mesma maneira’, mas ‘tratar as pessoas de maneira apropriada’, o que envolve fazer distinções entre diferentes pessoas e situações. Justiça nunca significou ‘o direito de expressar ativamente qualquer e todo desejo sexual’.³

Ainda em julho de 2009, ele emitiu um comunicado, dizendo:

Alguém, mais cedo ou mais tarde, precisa esclarecer melhor (por mais exaustivo que isso possa ser) a diferença entre (a) a ‘dignidade humana e a liberdade civil’ daqueles que possuem instintos homossexuais e similares e (b) seus ‘direitos’, como cristãos praticantes, quanto mais ordenados, de expressar fisicamente esses instintos. Como o Papa [Bento XVI] apontou, a linguagem dos ‘direitos humanos’ foi rebaixada no discurso público para tornar-se um apelo especial de cada grupo de interesse. A Igreja nunca reconheceu que instintos sexuais poderosos, que quase todos os seres humanos possuem, geram um ‘direito’ evidente de que esses instintos recebam expressão física. De fato, a Igreja sempre insistiu que o autocontrole é parte do ‘fruto do Espírito’. Todos são chamados à castidade e, dentro dela, alguns são chamados ao celibato; mas um chamado ao celibato não é o mesmo que descobrir que se tem um impulso sexual fraco ou insignificante. O chamado ao autocontrole da castidade é para todos: tanto para os heterossexuais, que, casados ou não, são regularmente e intensamente atraídos por muitos parceiros potenciais diferentes, quanto para aqueles com instintos diferentes [como os homossexuais].⁴

O significado bíblico do casamento

Em 2014, numa entrevista concedida no lançamento de seu livro *Surpreendido pelas Escrituras*, foi feita a N. T. Wright a seguinte pergunta: “Um tópico que está faltando neste livro é a questão da sexualidade e, especificamente, como os cris-

³“The Americans Know This Will End in Schism”, em: https://web-archive-org.translate.goog/web/20090801194047/http://www.timesonline.co.uk/tol/comment/columnists/guest_contributors/article6710640.ece?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc.

⁴“Rowan’s Reflections: Unpacking the Archbishop’s Statement”, em: <https://web.archive.org/web/20090802181228/http://www.anglicancommunioninstitute.com/2009/07/rowan%20%99s-reflections-unpacking-the-archbishop%20%99s-statement/>.

tãos devem abordar e lidar com a homossexualidade. Por que você optou por não abordar esse tema no livro? E, se você se sentir confortável, você pode oferecer uma breve visão sobre como você vê o ensino da Bíblia sobre esta questão tão aflitiva?” Sua resposta foi:

Não há surpresas sobre isso na Bíblia. Para os judeus, o comportamento homossexual não era um problema, exceto como parte de um todo maior ao qual Jesus se refere em termos bíblicos tradicionais. Para os não-judeus, como os alcançados por Paulo, era uma questão óbvia, já que todo tipo de expressão sexual possível era bem conhecido em cidades como Corinto e Roma (há uma crença popular atual de que os antigos não tinham conhecimento sobre relações homossexuais duradouras, mas isso é facilmente refutado pelas evidências literárias e arqueológicas).

O perigo, então, é pensarmos nas coisas nessa área como ‘regras’; para o judeu, se tratava de viver de acordo com a aliança, que era o meio de Deus resgatar a criação da confusão em que havia caído. Para Paulo, tratava-se de viver de acordo com a aliança renovada na e pela morte e ressurreição de Jesus, por meio da qual Deus havia lançado seu projeto de nova criação. As pessoas costumam sugerir que, como Paulo acreditava na graça, não na lei, todas as velhas regras foram eliminadas em uma nova era de ‘tolerância’, mas essa é uma visão superficial e trivial. Paulo (e todos os primeiros cristãos conhecidos por nós, através dos séculos) manteve a visão judaica: sem adoração de ídolos, sem sexo fora do casamento. E casamento, é claro, significava homem/mulher. Há muito mais a dizer sobre isso, mas isso é um começo. Não pretendo escrever mais sobre isso tão cedo; é complexo e (obviamente) contencioso e não produziria um livro curto. O capítulo de Richard Hays em *The Moral Vision of the New Testament* ainda é o melhor tratamento resumido [sobre o tema] disponível.⁵

A atual redefinição do significado de casamento

Em uma entrevista de 2014 concedida a J. John, do *Philo Trust*, foi perguntado: “Na sua opinião, quais são os maiores desafios para a Igreja e para a mensagem

⁵“Exclusive: N.T. Wright Speaks About His New Book!”, em: <https://www.patheos.com/blogs/revangelical/2014/06/01/exclusive-n-t-wright-speaks-about-his-new-book.html>. Sobre Hays, cf. a nota 1, acima.

cristã à luz da atual legislação sobre a redefinição do casamento?" Segue a transcrição sem edição da resposta de N. T. Wright:

Obviamente, há grandes problemas, e não há como explicá-los todos esta noite. Eu quero dizer uma palavra sobre uma palavra. Quando alguém – grupos de presão, governos, civilizações – muda repentinamente o significado de palavras-chave, você realmente deve ficar atento. Se você for a um dicionário alemão e abrir-lo aleatoriamente, poderá ver várias palavras alemãs com um pequeno colchete dizendo 'N.S.', que significa nacional-socialista ou nazista. Os nazistas deram a essas palavras um certo significado. Na Rússia pós-1917 havia categorias inteiras de pessoas que eram chamadas de 'ex-pessoas', porque pelo ditame comunista elas haviam deixado de ser relevantes para o Estado, e uma vez que você as chama de 'ex-pessoas', era extremamente fácil despachá-las para algum lugar e assassiná-las.

Da mesma forma, havia uma carta no *Times Literary Supplement* algumas semanas atrás dizendo que, quando falamos de suicídio assistido, não deveríamos usar palavras como 'suicídio', 'matar' e esse tipo de palavras porque elas implicam que você não deveria fazê-lo. Considerando que agora nossa civilização está afirmado que talvez haja razões para isso acho esse tipo de coisa assustadora, a tentativa de mudar uma ideologia dentro de uma cultura mudando o idioma.

Agora, a palavra 'casamento', por milhares de anos, e transculturalmente, significou homem e mulher. Às vezes é um homem e mais de uma mulher. Ocasionalmente, foi uma mulher e mais de um homem. Existe poliandria, bem como poligamia em algumas sociedades em algumas partes da história, mas [casamento] sempre foi masculino e feminino. Simplesmente dizer que você pode ter um casamento mulher-e-mulher ou um casamento homem-e-homem é mudar radicalmente aquilo por causa da condição de masculinidade e feminilidade. Eu diria que sem quaisquer pressuposições cristãs particulares, apenas transculturalmente, assim é.

Com pressuposições cristãs ou judaicas, ou mesmo muçulmanas, então se você acredita no que diz em Gênesis 1 sobre Deus criando o céu e a terra – e os binários em Gênesis são tão importantes: o céu e a terra, o mar e a terra seca, e assim por diante, e você conclui com masculino e feminino. É tudo sobre Deus fazendo pares complementares que devem operar juntos. A última cena da Bí-

blia é o novo céu e a nova terra, e o símbolo disso é o casamento de Cristo e sua igreja. Não são apenas um ou dois versos aqui e ali que dizem isso ou aquilo. É toda uma narrativa que trabalha com essa complementaridade, de modo que um casamento homem-e-mulher é um indicador ou um sinal sobre a bondade da criação original e a intenção de Deus para os eventuais novos céus e nova terra.

Se você diz que o casamento agora significa algo que permitiria outras configurações, o que você está dizendo é que, quando nos casamos com um homem e uma mulher, não estamos fazendo nada disso. Este é apenas um arranjo social conveniente e arranjo sexual e aí está... continue com isso. Não é que isso seja o rebaixamento do casamento, é algo que claramente já foi perdido há algum tempo e que agora está aparecendo acima do parapeito. Se é isso que você pensou que o casamento significava, então claramente não fizemos um bom trabalho na sociedade como um todo e na igreja em particular em ensinar sobre o que um casamento maravilhoso e misterioso deveria ser. Simplesmente nesse nível, acho que é um absurdo. É como um governo votando que preto deveria ser branco. Desculpe, você pode votar se quiser, pode aprovar por maioria total, mas isso não vai mudar a realidade.

A outra coisa que acho preocupante e que fiquei impressionado esta semana – isso é uma lembrança, e você pode não concordar com o julgamento que a precede – mas onze anos atrás, não, na verdade dez anos atrás, quase agora, estávamos quase indo à guerra contra o Iraque. Sentei-me na minha cozinha e ouvi Tony Blair fazer o grande discurso sobre como deveríamos ir e bombardear o Iraque. Foi um dia antes de eles realmente começarem. Achei na época e ainda acho que aquele discurso estava absolutamente cheio de furos. Estava implorando por perguntas, estava perdendo pontos, estava perdendo a lógica. No entanto, todos os jornais estavam dentro, quase todos no Parlamento estavam dentro, com apenas algumas pessoas ranzinhas [contra], e lembro-me de pensar na época: isso é absolutamente louco. Não deveríamos estar fazendo isso e há todos os tipos de “e se” que não pensamos. Devo dizer que, nos últimos dez anos, não vi nenhuma razão para mudar esse julgamento.

Sinto algo do mesmo humor esta semana. Toda a imprensa está do lado, a maior parte do Parlamento está do lado, e as pessoas estão dizendo – entenda isso – que, a menos que você apoie isso, você está do lado errado da história. Me

desculpe. Você viu o University Challenge ontem à noite? Houve uma boa pergunta: Alguém mencionou – quem foi que disse em 1956: ‘A história está do nosso lado e iremos te enterrar’? Um dos competidores acertou a resposta: foi Nikita Khrushchev. Quando as pessoas afirmam: ‘Estamos seguindo o fluxo da história’, isso é apenas uma cortina de fumaça retórica. Então, é onde estou.⁶

Desejos impuros, corpos desonrados

Em seu comentário sobre a carta do apóstolo Paulo aos Romanos, capítulos 1 a 8, da série *Paulo para Todos*,⁷ Wright fez as seguintes afirmações sobre a compreensão do apóstolo, em Romanos 1.24-27:

Por toda essa passagem, ele tem em mente um trecho específico da Bíblia: Gênesis 1 a 3. Talvez você pense que, para descrever as maneiras pelas quais os seres humanos se opuseram aos propósitos de Deus, teria sido melhor começar por algo como os Dez Mandamentos. Bem, Paulo retornará a eles mais adiante (especificamente em 13.8-10). Mas, como veremos, existem problemas com relação à lei de Israel que não fazem dessa escolha a mais adequada para seus objetivos no momento. Ele quer delinear o caminho pelo qual os seres humanos violaram não apenas uma ‘lei’ dada em algum ponto da história humana, como também a própria estrutura da ordem criada em sua essência.

Paulo tem certeza de que essa estrutura existe, ou seja, de que a criação não é aleatória nem arbitrária. Ao tomar Gênesis 1 como a declaração teológica básica, ele vê os seres humanos como criados à imagem de Deus e recebendo responsabilidade sobre a criação não humana. Os seres humanos são ordenados a frutificar: eles devem celebrar, em sua complementaridade ‘macho e fêmea’, o abundante potencial gerador de vida do bom mundo de Deus. E são encarregados de trazer a ordem de Deus ao mundo, atuando como mordomos do jardim e de tudo o que se encontra nele. Machos e fêmeas são muito diferentes, e foram projetados para trabalhar juntos a fim de produzir, com Deus, a música da cria-

⁶Cf. “N T Wright on Same-Sex Marriage”, em: <https://www.youtube.com/watch?v=xKxvOMOmHeI>. Cf. também: “N. T. Wright on Gay Marriage Nature and narrative point to complementarity”, by Matthew Schmitz, em: <https://www.firstthings.com/blogs/firstthoughts/2014/06/n-t-wrights-argument-against-same-sex-marriage>.

⁷Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020, p. 38-41. Publicado originalmente em 2004.

ção. Algo de muito profundo dentro da estrutura do mundo reage à união da parte com sua contraparte, algo que não pode ser alcançado pela mera junção da parte com a própria parte.

Isso ajuda a explicar o fato, de outro modo confuso, de Paulo ter utilizado, como primeiríssimo exemplo do que vê como a corrupção da vida humana, a prática das relações homossexuais. Afinal, pensamos: por que ele teria escolhido justamente esse comportamento específico, colocando-o no topo da lista? A resposta não é simplesmente, como muitos sugerem, porque, como judeu, ele sentiria especial repulsa por esse comportamento – comportamento que muitas culturas pagãs adotavam e até mesmo celebravam, mas que o judaísmo sempre proibiu. Tampouco pelo fato de o próprio imperador Nero ser conhecido por entregar-se a práticas homossexuais e a diversas práticas bizarras heterossexuais, de modo que, assim, Paulo teria desejado apontar o dedo contra o sistema imperial e sua essência imoral apodrecida. Essa pode ter sido uma pequena parte de sua intenção, mas, com certeza, não é o ponto central.

Nem mesmo, como alguns sugerem é o caso de, no mundo antigo, as relações homossexuais serem práticas normais da prostituição cultural ou uma questão de pessoas mais velhas explorando as mais jovens, ainda que ambas as práticas fossem um tanto comuns. Os ‘casamentos’ homossexuais não eram desconhecidos, como se sabe do exemplo do próprio Nero. Platão apresenta uma extensa discussão do amor sério e duradouro que pode haver entre dois homens. O mundo moderno atribuiu vários nomes a esse fenômeno (‘homossexual’ ou ‘gay’; e sua contraparte feminina, ‘lésbica’). Esses rótulos imprecisos referem-se a uma ampla faixa de emoções e ações, sobre as quais seria ingênuo imaginar que só se tornaram conhecidas nas últimas gerações. Desse modo, o ponto levantado por Paulo não é simplesmente que ‘nós, judeus, não aprovamos isso’, ou que ‘relacionamentos dessa natureza são sempre desiguais e exploradores’. Seu ponto é o seguinte: ‘Não foi para isso que homens e mulheres foram criados’. Ele, igualmente, não está sugerindo que todos que se sentem sexualmente atraídos por pessoas do mesmo sexo, ou que todos que se envolvem em relações homossexuais, chegaram a isso por cometerem atos específicos de idolatria. Nem supõe que todos os que chegaram a esse ponto o fizeram por uma escolha deliberada de desistir das possibilidades heterossexuais. Ler o texto desse modo reflete um individualismo moderno, e não a perspectiva

mais ampla e abrangente de Paulo. Antes, ele está falando da raça humana como um todo. O ponto que ele procura estabelecer não é o fato de ‘existirem alguns extremamente pervertidos por aí que praticam essas coisas revoltantes’, mas que ‘a existência dessas claras distorções do propósito ‘macho e fêmea’ do criador no mundo indica que a raça humana como um todo é culpada de uma idolatria capaz de distorcer a natureza humana’. Ele vê a prática de relações entre pessoas do mesmo sexo como um sinal de que o mundo dos humanos, de maneira geral, está fora de ordem.

O fato de estar fora de ordem, afirma ele, é o resultado de Deus permitir que as pessoas sigam seus impulsos sexuais desenfreados aonde quer que eles as conduzam – uma vez que perderam a conexão com a verdade de Deus e, assim como Adão e Eva no jardim, deram ouvidos à voz da criatura, e não à voz de Deus (aparentemente, é isso que ele tem em mente no v. 25). Quando, mais tarde, ele descreve a fé que Abraão tinha e seus resultados (4.18-22), está mostrando, de forma deliberada, como os problemas do capítulo 1 foram desfeitos. com os seres humanos depositando sua confiança em Deus e voltando a dar glória a ele. Somente quando conseguimos enxergar esse contexto mais amplo é que podemos vislumbrar os profundos pontos subjacentes que Paulo levanta. Somente assim, é possível evitar uma leitura superficial desse texto, o que, infelizmente, tem feito do debate de um tema já tão complexo algo muito mais difícil do que já é.

Paulo repete: ‘Deus os entregou’ (v. 24 e 26, e mais uma vez no v. 28). Quando Deus dá responsabilidade aos seres humanos, ele está falando sério. As escolhas que fazemos, não apenas individualmente, mas também como espécie, são escolhas cujas consequências Deus, para nosso total espanto, permite-nos explorar. Ele nos alerta, dá-nos oportunidades de nos arrepender e de mudar o curso. Entretanto, se escolhermos a idolatria, poderemos esperar que nossa humanidade, pouco a pouco, venha a se desintegrar. Quando você adora o Deus em cuja imagem foi criado, refletirá essa imagem de forma cada vez mais brilhante e se tornará mais plena e verdadeiramente humano. Quando você (e, por você, quero dizer a raça humana como um todo, e não apenas os indivíduos) adora qualquer outra coisa que não o Deus vivo, algo que seja em si mesmo outro mero objeto criado e, dessa forma, sujeito à decomposição e à morte, reduz a imagem que carrega em si, sua humanidade essencial.

Essa, obviamente, não é a palavra final sobre o tema da homossexualidade. Paulo escreveu apenas dois versículos a esse respeito até aqui, o que dificilmente seria o suficiente para deduzirmos algo mais de qualquer posição mais completa que ele possa ter declarado. Mas, além da polêmica e da retórica que sempre giram em torno desse tema, deparamos, aqui e em outras partes do Novo Testamento, não com um conjunto arbitrário de regras, mas com uma teologia profunda sobre o que significa ser genuinamente humano. E também com uma advertência a respeito da tendência aparentemente infinita dos seres humanos ao autoenganho.

Herdando ou não o Reino de Deus

Em seu comentário sobre a primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, da série *Paulo para Todos*,⁸ Wright fez as seguintes considerações sobre 1Coríntios 6.9-11:

Nos dias de hoje, muitos beberam tão profundamente na cultura do ‘vale-tudo’ que acham que a mera sugestão de haver restrição moral no comportamento sexual é algo surpreendente e até mesmo ofensivo. Sim, como todo pastor sabe, a devastação humana que resulta da promiscuidade sexual, especialmente quando envolve a quebra das promessas de casamento, é muito mais profunda e permanente.

Os termos usados por Paulo aqui [em 1Co 6.9] incluem duas palavras [gregas, *malakoi* e *arsenokoitai*,] que têm sido alvo de muitos debates, mas que os especialistas já determinaram que claramente referem-se à prática homossexual masculina. Os dois termos se referem, respectivamente, ao parceiro passivo ou submisso, e ao parceiro ativo ou agressivo. Paulo coloca as duas atitudes dentro das categorias de comportamento inaceitável. Assim como tudo na lista, essas são práticas às quais algumas pessoas se sentem fortemente inclinadas a se envolver. E isso é tão verdadeiro que, em nossos dias (e isso é uma novidade dos últimos cem anos mais ou menos), temos assistido ao crescimento do uso das palavras ‘homossexual’ ou ‘gay’ como rótulos de identificação, o sinal de uma ‘identidade’ escondida que pode ser ‘descoberta’ ou ‘reconhecida’. O testemunho bíblico e o exercício pastoral sugerem que isso é fortemente enganoso – assim como é a ideia de que todo ser humano precisa da experiência

⁸Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020, p. 87-89. Publicado originalmente em 2004.

de atividade sexual, seja de que forma for, para se sentir completo e plenamente vivo. Paulo, é claro, não está sugerindo que o pecado sexual é pior do que qualquer outro – embora, levando em conta o papel central que a sexualidade tem na vida humana, não devêssemos tratar isso com displicência. Mas o ponto que Paulo está enfatizando é que esse ou qualquer outro comportamento distorcido é o que diminui a plena humanidade que Deus espera ver florescer em suas criaturas, e que será completa no definitivo reino de Deus (1Co 6.10). Repetindo o que já dissemos, não é que Deus tenha uma lista arbitrária de regras e que, se você quebrá-las, estará fora. Ao contrário, é que seu reino será habitado por seres humanos que refletem completamente sua imagem; e comportamentos no tempo presente que deturpam e descaracterizam essa imagem conduzem na direção oposta. Todo o Novo Testamento adverte para a possibilidade real de isso acontecer.

Mas também todo o Novo Testamento anuncia que não precisa ser assim – porque o próprio Deus providenciou a maneira de as pessoas abandonarem seu passado, e certamente seu presente, e adentrarem o futuro. Você pode ser lavado e tornado limpo, independentemente do que aconteceu no passado. Você pode ser feito alguém do povo especial de Deus, o que quer que seja no presente. Você pode ser ‘justificado’, declarado, aqui e agora, parte do verdadeiro povo de Deus. E isso acontece ‘no nome do Senhor, o Rei Jesus, e no espírito do nosso Deus’. A maneira como Paulo fala a esse respeito provavelmente expressa a prática inicial do batismo cristão. O ponto é, quando você se torna um membro da família cristã, tendo o batismo como sinal e a fé como uma realidade interior, recebe uma nova identidade, e é iniciado em um novo estilo de vida.

É claro que Paulo sabe que essa nova identidade e esse novo estilo de vida não funcionam automaticamente. É por isso que ele está escrevendo essa carta! Mas, quando a fé está presente e o batismo já aconteceu, o caminho está aberto para um estilo de vida diferente, uma maneira completamente nova de ser humano. É, então, responsabilidade de cada cristão, com a ajuda de toda a comunidade, reconhecer as maneiras como o engano do pecado tem distorcido seu pensamento e comportamento, e encontrar o caminho na direção da nova vida com Deus.

Julgamento para jogos sexuais

Em seu comentário sobre *Cartas para Todos*,⁹ Wright fez as seguintes considerações sobre Judas 7:

Judas [...] lembra seus leitores de que Deus pode julgar, e julga e condena, os que se permitem rebelar-se contra seus caminhos. [...] Aconteceu [...] em uma história conhecida em Gênesis, com as cidades de Sodoma e Gomorra, cuja avidez em usar visitantes inesperados para jogos sexuais (Gênesis 19) era aparentemente típica da vida regular deles – e sua terrível punição também era vista como o destino reservado a outros pecadores graves (v. 7).

Cristãos contraculturais

Diante das reflexões apresentadas, torna-se evidente que a visão de N.T. Wright não se baseia em preconceitos ou interpretações culturais passageiras, mas na compreensão da ordem criacional estabelecida por Deus. A complementaridade entre homem e mulher, como refletida no relato de Gênesis, é para Wright um pilar teológico central que simboliza não apenas a união terrena, mas também o mistério espiritual do casamento entre Cristo e sua Igreja. Esta verdade transcende os debates contemporâneos, enraizando-se na narrativa bíblica como expressão da boa criação e da finalidade última de Deus para a humanidade.

A partir dessa perspectiva, um chamado se faz claro: a Igreja deve reafirmar sua responsabilidade de proclamar a verdade do Evangelho em amor, chamando todos ao arrependimento e à restauração da imagem de Deus em suas vidas. Tal postura não significa rejeição ou falta de compaixão para com aqueles que enfrentam lutas em sua sexualidade, mas um compromisso com a fidelidade às Escrituras e com a promoção de uma humanidade redimida, refletida na santidade e na comunhão com o Criador. Assim, a mensagem de N.T. Wright é um convite à contracultura: viver de acordo com o desígnio divino, mesmo em um mundo que insiste em redefinir o que Deus já estabeleceu na criação.¹⁰

⁹Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021, p. 223-224. Publicado originalmente em 2011.

¹⁰Até o momento, não há registros de comentários de N. T. Wright sobre a decisão de fevereiro de 2023 do Arcebispo de Canterbury, Justin Welby, de aprovar orações de bênção para casais do mesmo sexo. No entanto, como visto acima, Wright tem expressamente consistentemente sua posição sobre a homossexualidade no contexto da fé cristã. Ele



Franklin Ferreira

Sobre o autor

Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pós-graduado em Bíblia e Teologia pela Universidade Luterana do Brasil, Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Doutor em Divindade pelo Puritan Reformed Theological Seminary. É reitor e professor de teologia sistemática e história da igreja no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos, São Paulo, professor-adjunto no Puritan Reformed Theological Seminary, em Grand Rapids-MI, nos Estados Unidos, e consultor acadêmico de Edições Vida Nova. Autor de vários livros, entre eles *Avivamento para a igreja*, *Contra a idolatria do Estado*, *A igreja cristã na história*, *Pilares da fé*, *Por amor de Sião*, *Teologia sistemática* (em coautoria com Alan Myatt) e *Teologia sistemática* (Curso Vida Nova de Teologia Básica), publicados por Edições Vida Nova, e *Servos de Deus* e *O Credo dos Apóstolos*, publicados pela Editora Fiel.

argumenta que as Escrituras oferecem uma visão clara sobre a complementaridade entre homem e mulher como parte essencial do desígnio criacional de Deus, refletindo tanto a ordem da criação quanto o mistério redentor da união entre Cristo e sua Igreja. Para seu mais recente posicionamento, em 4 de agosto de 2024, tratando de uma cultura imersa no culto à Afrodite, “a deusa do amor erótico”, cf: “Sex, LGBTQ+, Pre-Marital Relationships and Identity... Ask NT Wright ANYTHING!”, em: <https://www.youtube.com/watch?v=l62zv8nrMCQ>. De forma perceptiva, Wright conecta as confusões atuais sobre sexualidade e identidade com o ressurgimento do gnosticismo antigo. Sobre Welby, ele renunciou ao cargo de Arcebispo de Canterbury em novembro de 2024, após um relatório revelar falhas em sua gestão de mais de uma centena de casos de abuso sexual na Igreja da Inglaterra, ocorridos nas décadas de 1970 e 1980. Ele foi criticado por não ter tomado medidas adequadas, quando soube dos abusos, em 2013. O arcebispo de York, Stephen Cottrell, assumiu temporariamente a função, enquanto a Igreja busca por um novo arcebispo. A transição ocorre em um momento de desafios para a Igreja da Inglaterra, como a diminuição da fé religiosa e graves divisões internas por conta de sexualidade.

A posição do ser humano no relato da criação

Flávio Bessa



1. Introdução

A questão ecológica e o meio ambiente são temas relevantes e complexos que frequentemente têm destaque nos meios de comunicação. Queimadas, desgelo, aquecimento global, alterações climáticas, mudanças de estações, longos períodos de estiagem, mau uso de recursos naturais, extinção de espécie de animais. Este artigo abordará sobre o tema da teologia, ecologia e a posição do ser humano no relato da criação.

Apresenta-se como ideia central, a tese de que a Bíblia ensina que Deus é o criador de toda a natureza, e o homem é o guardião deste mundo magnífico e glorioso, sendo nosso dever, manter e preservá-la. O objetivo deste texto será refletir sobre a posição do ser humano no relato da criação, e apresentar posições antibíblicas no trato com o meio ambiente, como: o materialismo e o panteísmo; e por fim expor a posição bíblica sobre o lugar do homem na criação.

Como breve menção da teoria que fundamenta este texto, temos que o ser humano foi ordenado na criação como mordomo de Deus. Todavia, ele não

conseguiu fazer o uso correto e racional da terra, em razão do pecado que entrou na humanidade, mas isso não exime da tarefa que lhe foi entregue por Deus.

Para uma reflexão acerca da disposição do homem no relato da criação dentro do binômio: Teologia/Ecologia, torna-se necessário recorrer a Bíblia que é a fonte de revelação de Deus. Não obstante, a temática ecológica e o meio ambiente ocupam um lugar de importância na Palavra de Deus.

2. Posições antibíblicas perante o meio ambiente

Existem várias posições antibíblicas perante a questão do meio ambiente, dentre as quais se destacam duas – o materialismo e a panteísmo. Essas concepções serão apresentadas e avaliadas através da lente da cosmovisão bíblica.

2.1 Materialismo

Segundo Norman Geisler (2010), embora nem todos os materialistas sejam ateus a maioria dos ateus é de uma maneira ou de outra, materialista. A base filosófica da visão materialista do meio ambiente é produto de uma cosmovisão ateísta ou humanista.

Geisler, citando o *Manifesto Humanista* (1933), diz que após negar o Criador e a existência de qualquer aspecto espiritual distinto nos seres humanos, o materialismo enfatiza uma crença na habilidade humana de resolver seus próprios problemas. O materialismo pode ser entendido tanto em sentido filosófico como em sentido econômico. Uma suposição da cosmovisão materialista é a genialidade humana que irá sempre criar novas formas para suprir as necessidades. Isso leva a crer que a ciência pode resolver qualquer tipo de problema.

Contudo, sabe-se que a tecnologia não pode solucionar todos os problemas. Há muitas razões por que a tecnologia e a genialidade humana não podem resolver todos os problemas. Segundo Geisler, o homem não tem a capacidade de conhecer, nem de acumular, de forma antecipada, toda a informação relevante que possa ser utilizada na solução dos problemas. Não podem sequer saber de antemão quais perguntas deverão ser feitas. Mesmo que soubessem todos os fatos relevantes, ainda não seria capaz de chegar a conclusões infalíveis.

Ainda segundo o autor, o materialismo ao explicar por que a maior parte da população sofre, muitos humanistas apontam para o problema da má distribuição dos recursos. Eles acreditam que o mundo é demasiadamente rico e que a

redistribuição dos recursos poderia resolver o problema da necessidade de alguns. Tanto os recursos naturais, como os meios de produção estão disponíveis; uma distribuição apropriada seria o que está faltando.

Com certeza, há um desequilíbrio. Nem todas as pessoas que necessitam de recursos têm acesso a eles. Todavia, esse não é o problema; mas o resultado do problema que é a pecaminosidade humana. O homem não reconhece a pecaminosidade de sua própria carne como causa de tudo isso “De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne” (Tg 4.1). O egoísmo humano e a ganância são o centro da questão, mas os humanistas não estão dispostos a aceitarem a visão bíblica da natureza do homem decaído.

A ganância e o lucro têm levado a uma devastação de vários recursos naturais. Em nome da tecnologia e do progresso, muitos dos mares tem se transformados em fossas, a terra tem se sido feita em depósito de lixo e as florestas viçosas tem se reduzidas em terras desoladas por causa das queimadas. Segundo Geisler, em reação a toda essa destruição, muitas vozes têm se levantado; algumas delas nasceram de uma cosmovisão panteísta que será a próxima visão abordada.

2.2 Panteísmo

De acordo com Geisler, a visão panteísta do meio ambiente é distintamente anti-materialista e resolutamente anticristã. Panteísmo é a crença de que Deus é tudo, e tudo é Deus. Seus adeptos, portanto, reverenciam a natureza, porque a natureza é considerada divina. Trata-se realmente da natureza com “N” maiúsculo. Esse é o problema central da visão panteísta. A natureza deve ser respeitada, mas não venerada. O panteísmo confunde criação com manifestação. A natureza procede de Deus; mas não é o Senhor. Ela é um reflexo do Criador; mas não é o próprio Deus.

Para o panteísmo as espécies vivas são a manifestação de Deus. Assim, a preservação das espécies é uma obrigação ética, pois quando a tecnologia humana, com a construção de uma barragem ameaça destruir uma espécie de peixes, precisa-se opor a essa construção, pois, todas as vezes que uma espécie se torna extinta, perde-se uma manifestação de Deus. Como criaturas, todas as espécies realmente refletem a mão do Criador. Mas o Deus é eterno e infinito; as criaturas são temporais e finitas.

Uma vez que as espécies não são Deus, conclui-se que, quando uma espécie entra em extinção, não se perde uma parte (manifestação) de Deus. Porque o Senhor existe de forma independente de suas criaturas. A totalidade da criação, seres vivos e inanimados, pode entrar em extinção, mas Deus continuará existindo. Ele é o EU SOU.

3. A posição do ser humano na criação

Entre a devastação materialista da natureza e a adoração panteísta, encontra-se o cristão que acredita tanto no respeito à natureza (mas não na veneração) quanto ao uso apropriado dos recursos naturais. Essa utilização respeitosa do meio ambiente nasce de uma cosmovisão cristã bílicamente orientada acerca da criação e da obrigação do ser humano como mordomo daquilo que Deus lhe tem confiado. “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai [...] (Gn 1.28).

Dentro de uma hermenêutica do texto sagrado, com uma perspectiva ecológica, destaca-se que: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). A Bíblia é objetiva, foi Deus quem criou os céus, a terra e tudo que neles existem.

Produza a terra relva, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez. A terra, pois, produziu relva, ervas que davam semente segundo a sua espécie e árvores que davam fruto, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom (Gn 1.11-12).

Continuando a narrativa da criação:

Disse também Deus: Povoem-se as águas de enxames de seres viventes; e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus. Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres viventes que rastejam, os quais povoavam as águas, segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom (Gn 1.20-21).

O Senhor fez todo o ecossistema marinho e as aves do céu. Após concluir essa etapa, o escritor declara: “E viu Deus que isso era bom”, e prossegue: “Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme à sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez” (Gn 1.24). Novamente, o escritor frisa: “E viu Deus que isso era bom” (v. 25).

Essa é a narrativa da criação. É importante destacar que ao concluir cada etapa, o Senhor declara “que isso era bom” (Gn 1.10, 12, 18, 21 e 25). A bondade de Deus se faz presente na criação que é naturalmente estabelecida de forma equilibrada com animais, plantas, sementes, árvores frutíferas segundo as suas espécies, cardumes de peixes e aves no céu. Deus é o Criador de todo ecossistema e recursos naturais.

O Senhor decidiu fazer o homem a sua imagem e semelhança, dando domínio sobre a criação. Deus deu o mandamento para os seres humanos se multiplicarem, sujeitarem a terra e dominarem os animais, colocando o homem na condição de mordomo da criação: “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” (Gn 1.26).

O salmista Davi, em tom poético, declarou:

Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares (Sl 8.5-8).

Nesse sentido, Hermann Bavinck ensina que:

O registro da origem do céu e da terra no primeiro capítulo de Gênesis converge para a criação do homem. A criação das outras criaturas, do céu e da terra, do sol, da lua e das estrelas, das plantas e dos animais, é registrada em breves palavras e não se faz menção de toda a criação dos anjos. Mas quando a Escritura menciona a criação do homem ela o faz demoradamente, descrevendo não apenas o fato, mas também a maneira pela qual ele foi criado e volta ao assunto para maiores considerações, no segundo capítulo. **Essa especial atenção dedicada à origem do homem serve como evidência de que o homem é o propósito e o fim, a cabeça e a coroa de toda a obra de criação** (BAVINCK, 2001, p. 199, grifei).

Dominar e sujeitar a criação são mandamentos de Deus para o homem, o qual é uma honra concedida pelo Criador e o seu cumprimento reflete a nossa adoração para com o Senhor. “As atividades de trabalho e cuidado (cultivar e

guardar) implicam em usufruto das benesses da criação e na dimensão do cuidado por esta criação também em vista das gerações futuras" (REIMER, 2006, p. 41).

No livro *Ética cristã: opções e questões contemporâneas*, o teólogo e filósofo norte-americano Norman Geiler diz que: "O cristianismo sustenta que Deus é o criador e que a humanidade é a guardiã deste mundo magnífico e glorioso. É nosso dever manter e não corromper, preservar e não poluir. A natureza não é Deus, mas a natureza é o jardim de Deus (Sl 24.1)" (GEILER, 2010, p. 395), sendo o homem o seu jardineiro. "Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar" (Gn 2.15).

Essa é a posição do ser humano na narrativa da criação. O homem situa-se como mordomo (ou vice-regente). Compete ao ser humano cultivar e extrair os recursos naturais, de forma equilibrada, que Deus reservou para o uso comum, e pôs o homem, como cabeça de toda criação, para vigiar e proteger a terra, a fim de preservá-la.

4. Conclusão

Com a Queda, a natureza do homem foi corrompida pelo pecado e a sua consciência ficou maculada. O pecado corrompeu o intelecto, vontade e a moral do ser humano. O homem recebeu a tarefa de dominar e sujeitar a criação, cultivar e guardar a terra. Todavia, ele tem degradado o meio ambiente por meio da ganância que leva ao manejo incorreto do solo, a destruição da fauna e da flora.

Em virtude disso, toda a natureza tem sofrido por causa do pecado do homem, "maldita é a terra por tua causa" (Gn 3.17). "Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, gême e suporta angústias até agora" (Rm 8.22).

A consciência, sob uma perspectiva bíblicamente orientada é que o ser humano foi posto na criação como mordomo de Deus. No entanto, ele não conseguiu fazer o uso correto e racional da terra em razão do pecado que entrou na humanidade. Mas isso não exime da tarefa que lhe foi entregue pelo Criador.

Um olhar teorreferente para a crise ambiental revela que naquele grande Dia se verá a criação restaurada em Cristo: "Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2Pe 3.13).

Por fim, com essa mesma perspectiva o apóstolo João disse: "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe" (Ap 21.1). Esta é a nossa bendita esperança. Um dia toda a criação será restaurada.

5. Bibliografia

BAVINCK, H. *Teologia Sistemática* (Santa Barbara d'Oeste: SOCEP, 2001).

Bíblia. Português. *Bíblia de Estudo Almeida*. Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada. 2^a ed. (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999).

GEISLER, Norman L. Ética cristã: opções e questões contemporâneas (São Paulo: Vida Nova, 2010).

Manifesto humanista. In: CRIAÇĀOWIKI: enciclopédia de ciência e criação. Disponível em: https://creationwiki.org/pt/Manifesto_Humanista. Acesso em 24 set, 2024.

REIMER, Haroldo. *Toda a criação. Ensaios de Bíblia e ecologia* (São Leopoldo: Oikos, 2006).



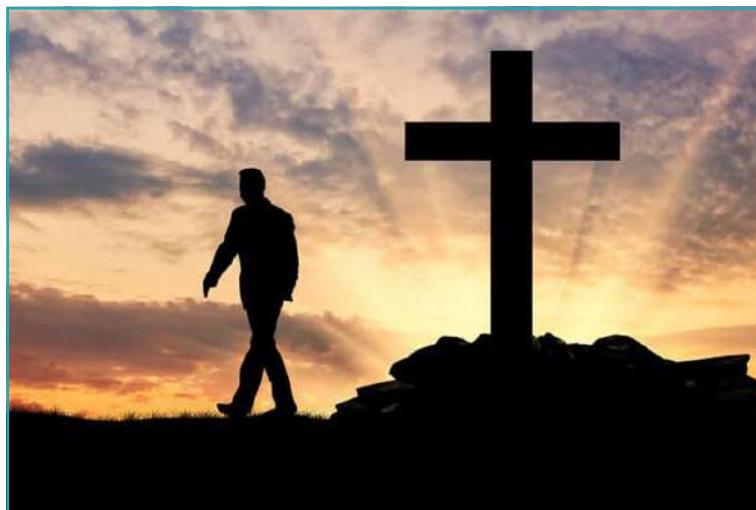
Flávio Bessa

Sobre o autor

Mestrando em Teologia, com ênfase em Ministério, pelo Seminário Evangélico da Igreja de Deus (SEID/Goiânia), especialização em Teologia Sistemática e também em Missiologia, ambos pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPPAJ), convalidação em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (FUV), graduação em Formação Eclesiástica Plena em Teologia pelo Seminário Evangélico da Igreja de Deus (SEID/Goiânia) e evangelista consagrado pela Igreja de Deus no Brasil.

A crise entre secularização e cristianismo: reflexões para um embate contemporâneo

Gabriel Joumblat



1. A presença da crise

Asociedade ocidental nasceu das ruínas romanas e herdou pilares da filosofia grega, do direito romano e da moralidade judaico-cristã.¹ A ascensão do cristianismo como norte moral no Ocidente encontrou, por muito tempo, espaço de primazia no homem ocidental e sua relação com o mundo. A igreja era a mediadora não só de Deus e do homem, mas também do homem com o homem e com a realidade externa ao homem.

No entanto, quando os olhos são focados na contemporaneidade, essa relação parece estar profundamente abalada, muitas vezes com ares de hostilidade ou com uma neutralização da influência cristã no mundo. Como afirma o doutor Paolo Cugini: “No debate contemporâneo sobre a religião percebe-se a grande dificuldade das instituições eclesiásticas de acompanhar o passo do mundo

¹Woods, JR, Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. Quadrante-Sociedade de Publicações Culturais, 2008, p. 6.

pós-moderno.”² e complementa que: “Dia após dia parece que as exigências da cultura pós-moderna se distanciam sempre mais da proposta religiosa, sobretudo no plano ético”.³

Essa crise entre o pensamento cristão histórico e as novas ondas ideológicas que se alastram desde a Renascença é nomeada pelo termo “Secularização”, sobre o qual pretende-se discorrer posteriormente. O fato é que o cenário moderno sugere um rearranjo na relação entre Igreja e Cultura. Diante de tantas propostas e indagações, urge a necessidade de se construir um pensamento responsável. Esta pequena produção textual é impossibilitada de propor uma solução abrangente e exaustiva para tal crise, mas, dentro das limitações, procurará fornecer um breve panorama com fins reflexivos e que sugiram passos iniciais para uma reflexão maior que já se encontra mais avançada por outros teólogos, filósofos e teóricos.

Para tal panorama, portanto, tem-se a necessidade de mapear a origem da crise, os seus pilares e as propostas resolutivas *intra et extra*⁴ cristãs para ela.

2. A origem da crise e a alteração de pensamento

Francis Schaeffer sugere que a nossa sociedade contemporânea é fruto de uma profunda alteração no conceito de “verdade”.⁵ É particularmente difícil mapear onde começou essa alteração. No ponto de vista bíblico, é possível dizer que isso se discorreu da queda (*cf. Gn 3.1-24*), onde o homem afirmou sua rebeldia contra a verdade de Deus. Se olharmos para a história que se sucedeu do Éden, mapear essa alteração fica ainda mais confuso. Todavia, no panorama histórico-filosófico comum da leitura ocidental, podemos dizer que uma alteração mais profunda tem seu berço no humanismo da Renascença, que desemboca, *a posteriori*, no Iluminismo europeu.

Há uma clara alteração no polo do poder moral na sociedade contemporânea e isso não é notado apenas por teólogos cristãos, mas por teóricos das mais diversas linhas de pensamento, como Bauman.⁶ Esse processo é chamado por

²Cugini, Paolo. *Religião na pós-modernidade: O cristianismo niilista e secularizado de Gianni Vattimo*. Revista eclesiástica brasileira, v. 72, n. 287, p. 628-650, 2012, p. 629.

³Ibidem.

⁴Do latim: “Dentro de” e “Fora de”.

⁵Schaeffer, Francis. *O Deus que intervém*. Editora Cultura Cristã, 2021. p. 18

⁶Bauman, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

cristãos e não-cristãos de “Secularização”. Muito provavelmente, no escopo da cristandade, a melhor definição para esse termo foi a dada pelo Papa Bento 16:

A secularização, que se apresenta nas culturas como um delineamento do mundo e da humanidade sem referência à Transcendência, impregna todos os aspectos da vida quotidiana e desenvolve uma mentalidade em que Deus se tornou total ou parcialmente ausente da existência e da consciência do homem.⁷

De encontro com a afirmação de Francis Schaeffer, parece possível dizer que o homem contemporâneo rejeita a possibilidade impetrada pela igreja cristã por meio de pessoas como Santo Agostinho, a afirmação que diz que a verdade possui um padrão objetivo, fundamentado na essência do Transcedente e comunicável por meio de um Deus pessoal. No contrário, o homem moderno aceita a ampla relativização da verdade promovida pelo pensamento pós-iluminista. Se Agostinho afirma: “Creio o que Vós me ensinastes, porque é verdade, e só Vós sois o Mestre da Verdade em qualquer parte e de qualquer lugar que ela brilhe.”⁸ O homem moderno afirma o que Nietzsche afirmou:

O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. Para onde foi Deus, gritou ele, ‘já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! [...] Para onde se move agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda em cima e embaixo? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã?’⁹

⁷Bento XVI in: *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da Assembléia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, 8 de março de 2008 | Bento XVI. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080308_pc-cultura.html#:~:text=A%20seculariza%C3%A7%C3%A3o%20que%20se%20apresenta,e%20da%20consci%C3%A7%C3%A3o%20do%20homem.>. Acesso em: 7 maio. 2024.

⁸Agostinho. *Confissões*. Montecristo Editora. Edição do Kindle, p. 92

⁹Nietzsche, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo C. Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012, p. 125.

E o filósofo alemão não poderia ter sido mais preciso em sua análise da realidade: a retirada da objetividade transcendente e comunicável como fonte da verdade pressupõe uma proposta subjetiva e imanente. Nesse ponto, surgiu a crise que se encontra no Ocidente; se muitos iluministas adotaram uma metodologia na qual Deus não era mais necessário para explicar o homem e a realidade, os pensadores que sucederam essa mentalidade precisavam encontrar outro ponto de fundamentação para o homem, e foi a subjetividade imanente que forneceu a ponte ao moderno, ainda que de maneira atrofiada.

De fato, o arranjo pós-iluminista quanto à concepção da verdade alterou toda a fundamentação da sociedade moderna. Essa metodologia subjetiva gerou diversas propostas para responder aos dilemas profundos do homem por meio de resoluções que desconsideram a existência ou a intervenção de um Deus pessoal e infinito. É no surgimento dessas propostas que a secularização desenvolve suas próprias ideias para responder às questões humanas, ideias essas que podem ser chamadas de secularismos.

Se a secularização é um fenômeno histórico decorrente do avanço de novas filosofias humanistas e imanentes, os secularismos são propostas e agendas para a implementação dessa realidade na qual o homem responde ao mundo interno e externo sem o transcendente. Como um “ismo”, os secularismos são propostas que rivalizam com o Cristianismo, ao mesmo tempo que possuem pontes de diálogo com o mesmo. Isso gera certa dificuldade na questão do fômeno secular, pois ambos os lados da crise podem atacar seus próprios pressupostos julgando estarem combatendo os pressupostos do oponente.

O embate entre o Cristianismo e os secularismos, no entanto, prossegue em nossa sociedade e confirma o que Francis Schaeffer notara: “Assim, esta mudança no conceito de como alcançamos o conhecimento e a verdade é, a meu ver, um problema crucial, se observarmos o Cristianismo de hoje.”¹⁰

3. Secularismos vs. cristianismo

Os secularismos são propostas que buscam exercer o papel que a religião cristã exerce por meio da crença em um Deus pessoal e infinito, no entanto, substituindo a crença cristã por uma solução subjetiva e imanente. É uma forma “aqui e agora”

¹⁰Schaeffer Francis. *O Deus que intervém*. Editora Cultura Cristã, 2021. p. 19.

de responder os dilemas mais profundos do homem, como as questões filosóficas primárias, aquelas que envolvem a origem do ser, a razão do ser e o fim do ser.

Por essa proposição, pode-se dizer que toda ideologia secularista possui uma formatação religiosa que se fundamenta na narrativa primária de Queda-Redenção-Consumação. Como concorrentes do Cristianismo histórico, os secularismos buscarão responder às mesmas questões que a fé cristã responde. Por mais que argumentem algum tipo de solução teórica, toda ideologia secularista dependerá da fé de seus adeptos para resistir às ideologias concorrentes.

Dependem fundamentalmente de uma crença pré-teórica para se fundamentarem e não se entravam apenas em questões teóricas e supra-teóricas. Sobre isso, discorreu Herman Dooyeweerd ao desenvolver sua crítica aos secularismos, classificando-os como extremamente universalistas ou extremamente individualistas, portanto, incapazes de integrar a complexidade do cosmos e do ser.

Criticando a suposta pureza racional desprovida de religiosidade que arrogam ter os pensadores secularistas, Dooyeweerd apontou que todo sistema filosófico partia de um pressuposto dogmático-religioso, criticando aquilo que ele chamou de “dogma da autonomia do pensamento filosófico”¹¹, acreditava que “a pretensa autonomia não pode garantir uma base comum a correntes filosóficas diferentes”¹².

No entanto, podemos dizer que nesse sentido, o cristianismo assume uma vantagem quando tomado por verdade, pois na crença cristã existe espaço para uma integração do homem, uma vez que o mesmo é fundamentalmente criação de algo superior e transcendente, capaz de cobrir o todo cosmológico e suprareal. Cada secularismo priorizará uma área da existência por cima das outras. Por exemplo, no materialismo histórico-dialético, a matéria e a história são a métrica para medir o homem, o homem deixa de ser fruto de uma pessoalidade transcendente e passa a ser fruto de uma impessoalidade imanente. O que isso implica? Na completa desvalorização do homem *per se*, como visto nas ideologias universalistas que se discorreram dessa crença, como o próprio Nazismo ou Marxismo.

No liberalismo-progressista, a individualidade é destacada como a área a ser valorizada acima das outras e acaba por implicar na completa desvalorização do

¹¹Dooyeweerd, Herman. *No crepúsculo do pensamento ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018, p. 41.

¹²Ibid., p.43.

meio, resultando em revoluções sangrentas como as vistas na França. O misticismo apela para um transcendente, mas que se manifesta somente na matéria e está submetido a ela, implicando numa alta valorização do meio e uma completa fragmentação interna.

Todo secularismo tem no seu seio um desses pressupostos: individualismo ou universalismo. Por isso, é incapaz de mediar a relação do homem de maneira equilibrada, não consegue lidar com a ideia de transcendente e imanente de uma maneira que só a fé cristã é capaz de lidar, como demonstrada no dogma da consubstancialização. Diante da crença de que Deus se revelou mediante Jesus Cristo e que nele habita a plenitude do conhecimento real(*cf. Ef 1.15-23; Cl 1.3-23*) , o cristianismo não deve temer e nem se render a nenhuma dessas correntes seculares.

Parece ser mais apropriado sugerir que a postura do cristianismo seja por uma abordagem dual: na afirmação dos valores, adotar uma via contracultural. Por meio do ensino e da pregação, afirmar as verdades sistemáticas e objetivas da fé que se contrapõem à metodologia subjetiva e imanente dos secularismos. Quanto à comunicação e ao diálogo, adotar uma via intracultural que busque pontes e diálogos para responder às realidades do tempo e da história por meio da verdade de Deus.

Essa consubstancialidade entre imanente e transcendente é um privilégio exclusivo da doutrina cristã, que não afirma uma mistura de substâncias como faz o panteísmo, nem afirma uma separação total de substâncias como o método transcendentalista, mas afirma uma consubstancialização presente na própria natureza de Cristo, onde imanente e transcendente se relacionam numa economia equilibrada que supre suficientemente as respostas para o homem como um todo. Na afirmação histórica de Lausanne, podemos concluir que a verdade objetiva do evangelho é um evangelho completo, para o homem todo e disponível para todos os homens.¹³

Se Deus se revela plenamente na pessoa de Cristo, a redenção abrangente é a única capaz de responder todos os dilemas do homem em todos os aspectos humanos, em todas as áreas da existência. Pois não há ninguém melhor para explicar a realidade e revelá-la que o próprio Criador dela. Esse criador se fez conhecido

¹³PACTO DE LAUSANNE. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimidia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 7 maio. 2024.

pessoalmente em Cristo, de modo que é possível concordar com a clássica afirmação de Abraham Kuyper:

Nem um único espaço de nosso mundo mental pode ser hermeticamente selado em relação ao restante, e não há um centímetro quadrado em todos os domínios da existência humana sobre qual Cristo, que é soberano sobretudo, não clame: é meu!¹⁴

Urge para a igreja brasileira analisar esse cenário com toda sabedoria, manifestando os variados aspectos da redenção cristã, testemunhando o amor e ensinando toda doutrina da fé, a fim de que os ventos dos séculos se acalmem ao encontrarem as portas da igreja de Deus.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno* (Rio de Janeiro: Zahar, 2021).

CARVALHO, Guilherme. O senhorio de Cristo e a missão da igreja na cultura: A ideia de soberania e sua aplicação. In. RAMOS, Leonardo. CAMARGO, Marcel. AMORIM, Rodolfo, org., *Fé cristã e cultura contemporânea: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral* (Viçosa: Ultimato, 2009).

CUGINI, Paolo. *Religião na pós-modernidade: o cristianismo niilista e secularizado de Gianni Vattimo*. Revista eclesiástica brasileira, v. 72, n. 287, p. 628-650, 2012.

DOOYEWERD, Herman. *No crepúsculo do pensamento ocidental: estudo sobre a pre-tensa autonomia do pensamento filosófico* (Brasília: Editora Monergismo, 2018).

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo C. Souza (São Paulo: Companhia de Bolso, 2012).

PACTO DE LAUSANNE. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimidia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>>. Acesso em: 7 maio. 2024.

AGOSTINHO. *Confissões*. Montecristo Editora.

¹⁴Carvalho, Guilherme. O senhorio de Cristo e a missão da igreja na cultura: A idéia de soberania e sua aplicação. In. RAMOS, Leonardo. CAMARGO, Marcel. AMORIM, Rodolfo, org., *Fé Cristã e Cultura Contemporânea: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral* (Viçosa: Ultimato, 2009), p. 56.

SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém* (Editora Cultura Cristã, 2021).

Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura, 8 de março de 2008 | Bento XVI. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080308_pc-cultura.html#:~:text=A%20seculariza%C3%A7%C3%A3o%2C%20que%20se%20apresenta,e%20da%20consci%C3%A3ncia%20do%20homem.>. Acesso em: 7 maio. 2024.

Woods, J.R, Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental* (Quadrante-Sociedade de Publicações Culturais, 2008).



Gabriel Joumblat

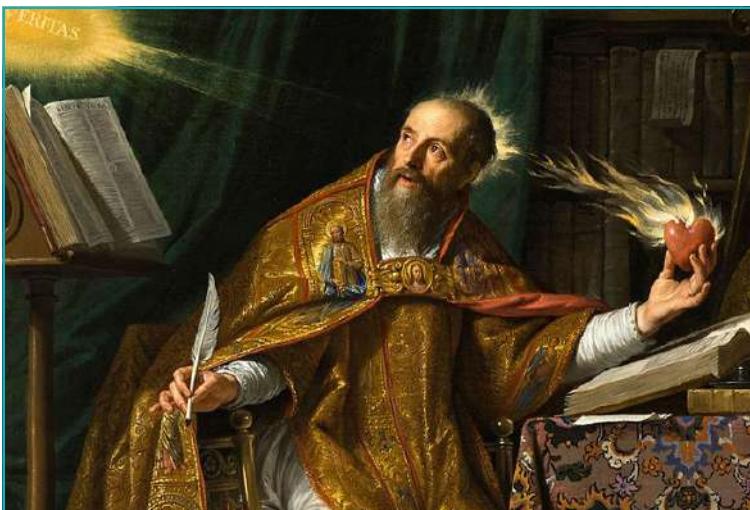
Sobre o autor

Estudante do Programa de Graduação Livre em Teologia do Seminário Teológico de Gramado.

Atualmente serve na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Caxias do Sul-RS.

A Igreja e a terceira idade: uma perspectiva teológica e pastoral

Franck Neuwirth



O envelhecimento da população brasileira é uma realidade inquestionável. No ano de 2016 havia uma previsão de em 2050 o número de idosos triplicaria, passando de 19 milhões para 66,5 milhões, representando cerca de 29,3% da população¹. Na projeção deste ano (2024), o cálculo é que em 2070 a população idosa do Brasil alcançará o percentual de 37,8%, perfazendo um total de 75,3 milhões de pessoas. Um outro dado nesta pesquisa é que em 2042 a população brasileira entrará num estado de inflexão populacional, ou seja, começará a experimentar um declínio num contexto de expectativa de vida cada vez maior².

Essa mudança demográfica já apresenta desafios para o governo, sobretudo em áreas como saúde e previdência social, mas também podemos considerar grandes oportunidades para a igreja brasileira. Esse cenário exige preparação e estratégias específicas para atender a essa crescente parcela da sociedade.

¹<https://www.estadao.com.br/brasil/populacao-idosa-vai-triplicar-entre-2010-e-2050-aponta-publicacao-do-ibge>.

²<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41056-populacao-do-pais-vai-parar-de-crescer-em-2041>.

Porém, mais do que uma questão de necessidade social, a atenção para com os idosos é um imperativo bíblico. A igreja moderna agora tem a oportunidade de ser uma referência em acolhimento, valorização e integração da terceira idade, proporcionando-lhes dignidade e participação ativa na comunidade cristã. Neste sentido, a igreja precisa se preparar para acolher essas pessoas e cuidar muito bem delas, honrando-os em todo o tempo.

Há um provérbio africano que diz: “Quando um idoso morre, uma biblioteca se incendeia.” Essa frase nos ensina que o conhecimento acumulado ao longo da vida, se perde com a morte dos mais velhos. Para evitar isso, é essencial incentivar os idosos a compartilhar seus conhecimentos e experiências com as gerações mais novas, ao mesmo tempo em que se cria estratégias para valorizar essas pessoas, reconhecendo sua importância e o impacto positivo que podem ter na sociedade e na igreja. Vejamos agora os argumentos que encontramos nas Escrituras para honrar os idosos:

1. Argumento teológico: é um mandamento divino

A Bíblia apresenta diretrizes claras para cuidar dos idosos. Textos como Levítico 19.32 nos ensinam a respeitá-los e honrá-los, o que demonstra uma atitude de temor ao Senhor em nosso proceder. Efésios 6.2 repete um dos mandamentos a respeito da honra devida a nossos pais. Paulo, ensinando a Timóteo, diz que devemos honrar as viúvas mais velhas que se encontram totalmente desamparadas. Em Provérbios 16.31, os cabelos brancos são descritos como uma coroa de honra quando encontrados no caminho da justiça.

Porém, este chamado não se limita unicamente a uma atitude de respeito, mas inclui ações práticas que demonstrem cuidado e valorização. A igreja precisa ser intencional em estabelecer ministérios e ações que ajudem a terceira idade a se sentir acolhida, amada e útil em suas comunidades. Outros textos bíblicos nos ajudam a compreender o nosso proceder diante dos anciões da igreja:

- “Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a um pai; aos jovens, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; e às moças, como a irmãs, com toda pureza” (1Tm 5.1-2).
- “Da mesma forma, exorto também aos jovens: sejam submissos aos mais velhos; tratem uns aos outros com humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas concede graça aos humildes” (1Pe 5.5).

Vejamos que a nossa atitude para com os mais velhos, descritas nestes versículos, deve ser de respeito e sujeição. E, mesmo quando algum idoso necessitar de repreensão, esta deve ser feita com o máximo de consideração.

2. Argumento cristológico: Cristo nos deu o exemplo

O exemplo de Jesus é um modelo para todos os cristãos. Podemos afirmar que, neste sentido Ele também encarnou os princípios do AT sobre o cuidado para com os anciãos. Aliás, Ele ainda repreendeu líderes religiosos que desconsideravam a necessidade das viúvas (Mt 23.14) e exaltou a oferta da viúva pobre como um ato de fé e devoção (Mc 12.43), esta que era pouco percebida em suas necessidades pela sociedade. Sua preocupação com a sogra de Pedro (Mt 8.14-15) e com sua própria mãe (Jo 19.25-27) ilustram o amor ativo de Cristo para com os idosos e necessitados.

Essas atitudes não foram ocasionais, mas faziam parte integral de seu ministério. Como corpo de Cristo na Terra, a igreja é chamada a seguir este exemplo, cuidando dos idosos com dedicação e amor.

Sobre a relação entre os idosos e a vinda de Cristo, a revista Ultimato apresentou que entre as seis pessoas mais envolvidas com o nascimento de Jesus, três eram idosas: Zacarias, Isabel (Lc 1.7) e a profetisa Ana (Lc 2.36-38)³. Além disso, é altamente provável que Simeão, o homem que tomou o menino Jesus em seus braços, também fosse um idoso (Lc 2.25-32). Hendriksen destaca esta possibilidade: “Não vacilo em descrever Simeão como um ancião, ainda quando reconheço que carecemos de provas absolutas para esta posição”⁴.

Esses relatos mostram claramente a dignidade que Deus conferiu aos idosos em sua encarnação, evidenciando seu papel significativo nos eventos que cercaram o nascimento e o ministério do Salvador.

3. Argumento escatológico: A autorrevelação de Deus

Dentro da escatologia bíblica, por vezes são utilizados símbolos e figuras para representar aquilo que um dia ocorreria no futuro ou algum aspecto que carecia de

³<https://www.ultimato.com.br/conteudo/a-biblia-e-o-idoso>.

⁴HENDRIKSEN, William. *Comentario al Nuevo Testamento: el evangelio según San Lucas* (Grand Rapids: Libros Desafío, 2002), p. 171. Edição Logos Bible Software. Tradução do autor.

um ponto de contato entre o que o Deus queria revelar ao profeta e o seu povo em questão. É por isso que sempre é um desafio interpretar estes textos, pois estamos um tanto distantes dos leitores originais e perdemos o “código” contextual para compreender muitas figuras de imediato. Porém, dentre as diversas figuras, uma que é fácil de compreender é a figura do idoso e, se por um lado a figura reveladora de uma criança destaca fragilidade e inocência, a do idoso enfatiza sabedoria e dignidade.

Na visão de Daniel 7, Deus é descrito como o “Ancião de Dias”, um título que exalta Sua sabedoria e autoridade como o juiz eterno. O verso 9 reforça essa ideia ao descrever: “O Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã”. Essa representação nos mostra que Deus, em Sua soberana vontade, escolheu manifestar Sua figura escatológica na forma de um ancião, atribuindo dignidade à velhice. Isso evidencia o valor que o idoso possui no plano divino, destacando sua sabedoria, experiência e autoridade.

No Apocalipse, a imagem do Cristo exaltado com cabelos brancos como a lã também destaca atributos associados à maturidade e experiência (Ap 1.14). Com isso, podemos afirmar que neste aspecto revelacional Deus escolheu utilizar a figura de um ancião para reforçar sua dignidade e sabedoria, ilustrada pela figura de alguém “mais velho”. Vejamos como Sweet, citado por Osborne, destaca:

Tal retrato dinâmico não deve ser visto como descrição literal, mas como figura metafórica. Não devemos juntar todos estes elementos como se perfizessem um retrato de Jesus: cabelos alvos, olhos flamejantes, pés de bronze, voz de trovão, uma espada saindo de sua boca. A combinação dessas imagens retrata não sua aparência, mas seu poder e glória⁵.

Essa reflexão nos remete ao que a Bíblia declara sobre os idosos: “A beleza dos jovens está na sua força, e a glória dos idosos, nos seus cabelos brancos” (Pv 20.29). A aplicação desse aspecto revelacional para nós é clara: se o próprio Deus escolheu representar-se escatologicamente na figura de um ancião, isso demonstra a importância de reconhecer e valorizar a experiência e a sabedoria destes que se encontram em nosso meio.

⁵OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: comentário exegético* (São Paulo: Edições Vida Nova, 2014), p. 97-8.

Esse reconhecimento da figura do idoso deve inspirar a igreja a honrá-los em sua convivência diária. Afinal, se o próprio Deus escolheu apresentar-se dessa forma, a valorização dos mais velhos em nossas comunidades é uma atitude coerente com o evangelho.

4. Ações práticas para a igreja honrar os anciões

A terceira idade enfrenta desafios específicos, como solidão, abandono familiar e limitações físicas. Muitos idosos também sofrem de marginalização social e econômica, sendo frequentemente ignorados em políticas públicas e iniciativas comunitárias. A igreja deve posicionar-se como um lugar de refúgio, inclusão e assistência prática. Keddie enfatiza que o cuidado que as igrejas devem oferecer às viúvas – e, por extensão, a todos os idosos – deve ir muito além de simples visitas⁶. É essencial expandir nossa visão e abrir nossos corações para acolher os irmãos que enfrentam a dor da viuvez e outras dificuldades dessa fase da vida.

Purnell também alerta que muitas pessoas solitárias em nossas igrejas se sentem negligenciadas e excluídas das atividades gerais, o que pode causar grande tristeza e isolamento⁷. Em seu capítulo sobre ministérios familiares, ele observa que, embora se discuta a inclusão de solteiros e divorciados, pouco ou nada se fala sobre a realidade da viuvez. Se esses grupos já se sentem marginalizados, quanto mais os idosos, que muitas vezes enfrentam a falta de recursos e materiais apropriados para sua edificação.

A seguir, propomos alguns ministérios que podem ser desenvolvidos nas igrejas para atender às necessidades específicas dos idosos:

Ação social pró-terceira idade

Embora muitas igrejas já possuam ministérios de Ação Social, é importante considerar uma subdivisão voltada para os idosos, que exige cuidados específicos. Algumas áreas de atuação podem incluir:

⁶KEDDIE, Gordon. *The practical christian* (Darlington: Evangelical Press, 1989).

⁷PURNELL, Dick. Adultos Solteiros em seu ministério: por que permanecem e por que se afastam. In: GRUDEM, Wayne; RAINY, Dennis, org., *Famílias fortes, igrejas fortes: os desafios do aconselhamento familiar* (São Paulo: Vida, 2005).

- Compra de remédios: Considerando que boa parte dos idosos sobrevive com menos de dois salários-mínimos, os custos de medicamentos são um grande desafio.
- Acompanhamento médico: Voluntários das igrejas podem fazer companhia e auxiliar nestes atendimentos, organizando as agendas médicas destes irmãos.
- Atendimento jurídico: Auxílio em questões como inventários, direitos previdenciários e outras demandas legais.
- Cuidados domésticos: Serviços de limpeza e organização, especialmente para aqueles que não podem arcar com o custo de uma faxineira.
- Pequenas reformas: Reparos básicos em suas casas, como pintura, manutenção elétrica ou hidráulica.

Para igrejas com recursos limitados, a realização dessas ações pode ser viabilizada por mutirões, envolvendo os membros da comunidade. O importante é não ignorar as necessidades práticas dos idosos, que, em sua maioria, incluem mulheres com escassos recursos financeiros.

Integração dos idosos

A solidão é um dos maiores desafios enfrentados pelos idosos. Por isso, é fundamental integrá-los com os demais grupos da igreja e promover atividades que os valorizem. Algumas sugestões incluem:

- Entrevistas nas reuniões de jovens: Os idosos podem compartilhar testemunhos e experiências, o que edifica os jovens e aumenta a autoestima dos anciões.
- Atividades temáticas: Por exemplo, conselhos de anciões para as famílias da igreja, reuniões nas casas dos idosos ou momentos de músicas que marcaram sua vida cristã.
- Celebrações em datas especiais: Honrar aqueles que contribuíram para a história da igreja, relembrando seus feitos no passado.
- Grupos evangélicos da terceira idade: Organizar excursões, eventos culturais e esportivos que promovam a integração e melhorem a qualidade de vida dos idosos.

- Capacitação digital dos idosos: Isso permite que eles participem mais ativamente da vida social e comunitária.

A igreja brasileira, sendo composta por um bom número de jovens, frequentemente negligencia o legado e a experiência dos idosos que tanto contribuíram no passado. Muitas histórias e lições valiosas estão se perdendo com o tempo. Ao valorizar os idosos, a igreja pode preservar sua herança espiritual e aprender com sua sabedoria acumulada.

Ministério de oração

A oração é um campo fértil para o engajamento dos idosos. Sua experiência e maturidade espiritual são recursos valiosos para interceder pela igreja e pelas famílias. Diretrizes práticas incluem a criação de um caderno de oração, reuniões em horários acessíveis e boletins específicos que comuniquem as necessidades de oração da igreja.

Os idosos podem também ser mobilizados para formar redes de oração, utilizando tecnologias como WhatsApp para compartilhar pedidos e informações em tempo real. Essas iniciativas não apenas fortalecem a espiritualidade, mas também promovem um senso de propósito e utilidade.

Ministério de aconselhamento

A experiência acumulada pelos idosos é essencial em momentos de aconselhamento, especialmente nos desafios conjugais e familiares. Mulheres mais velhas, como recomendado em Tito 2.3-5, podem orientar as jovens esposas na construção de lares sólidos. Homens idosos, por sua vez, podem compartilhar sabedoria sobre paciência, amor e liderança no lar.

Além disso, envolver os idosos no aconselhamento pode prevenir situações sensíveis, como casos de vulnerabilidade emocional entre conselheiros e aconselhados de sexos opostos. Quanto mais conselheiros disponíveis tivermos, mais conseguiremos atender a demanda da atualidade.

Ministério de serviço

Embora a capacidade física dos idosos possa ser limitada, seu desejo de servir e seus dons espirituais permanecem valiosos. Ministérios de serviço podem incluir desde

pequenos reparos domésticos até ações comunitárias mais amplas, aproveitando habilidades específicas, como costura, artesanato, culinária ou administração.

Ministério de missões

Mesmo que não possam ir ao campo, e alguns ainda podem, os idosos podem contribuir para missões por meio de oração, doações, envio de cartas/mensagens e coordenação de equipes. Além disso, trabalhos manuais e outras iniciativas podem gerar recursos para apoiar missionários.

Ministério de hospitalidade

Muitos idosos, especialmente os que vivem sozinhos, podem abrir suas casas para acolher missionários, seminaristas e outros cristãos em viagem. Essa prática não só enriquece suas vidas, como também apoia aqueles que estão no ministério.

Conclusão

Valorizar os idosos não é apenas uma questão de obediência a Deus, mas também uma oportunidade para a igreja aprender com sua sabedoria e experiência acumuladas. Em um mundo que frequentemente despreza o que é antigo, a igreja deve ser um exemplo de contracultura, demonstrando honra e cuidado para com aqueles que tanto contribuíram para o Reino de Deus e ainda possuem um legado a ser passado adiante.

Os idosos são uma parte essencial da comunidade cristã. Eles carregam histórias de fé, testemunhos de perseverança e lições valiosas que podem guiar as gerações mais jovens em tempos de dúvida e dificuldade. Ao criar ministérios específicos para a terceira idade, a igreja não só oferece suporte prático e emocional, mas também resgata uma perspectiva bíblica de respeito e dignidade.

Além disso, ao integrar os idosos em atividades e serviços, a igreja fortalece seus laços como corpo de Cristo, onde cada membro tem um papel significativo. Os idosos podem ser mentores, intercessores, conselheiros e até pioneiros em novas iniciativas que abençoem a igreja e a sociedade.

A importância do envolvimento dos idosos vai além da igreja local. Em um contexto social onde muitos enfrentam o isolamento e o abandono, a igreja pode ser uma luz na escuridão, demonstrando o amor de Cristo de maneira prática e

transformadora. Cuidar dos idosos é, também, uma forma de testemunho para o mundo, mostrando que o Reino de Deus valoriza cada fase da vida.

Portanto, que possamos enxergar a velhice como um dom e os idosos como pessoas muito preciosas em nosso meio. Que eles sejam ouvidos, respeitados e envolvidos em todas as esferas da vida comunitária. Assim, estaremos não apenas obedecendo aos mandamentos de Deus, mas também edificando uma igreja mais forte, unida e fiel ao chamado do Senhor.

Que a graça de Deus nos capacite a honrar e valorizar os anciãos em nosso meio, reconhecendo neles um reflexo do próprio caráter divino, cheio de sabedoria, paciência e amor. Ao fazermos isso, experimentaremos um crescimento saudável, onde todas as gerações caminham juntas, glorificando ao Senhor.



Franck Neuwirth

Sobre o autor

Doutor em Ministério pelo Reformed Theological Seminary, EUA, em parceria com o Centro de Pós-graduação Andrew Jumper. É Escritor da Editora Cristã Evangélica e Coordenador Acadêmico no SETECEB, além de lecionar disciplinas na Área de Novo Testamento, Grego, Metodologia Científica e Aconselhamento. Atualmente, está cursando seu PhD pela Universidade de Viena na Áustria. Franck é casado com Ilma Rabelo Neuwirth e pai da Isabella e do Luiz Filipe.

Lançamentos

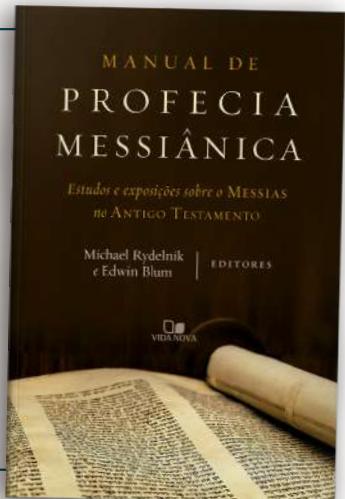
Manual de profecia messiânica

Estudos e exposições sobre o Messias
no Antigo Testamento

Michael Rydelnik e Edwin Blum | 16x23cm | 1568 p.

O recurso definitivo e completo sobre o que diz o Antigo Testamento a respeito do Messias.

Obtenha respostas e esclarecimentos nesse conceituado e confiável manual acerca da profecia messiânica, redigido por alguns dos mais importantes estudiosos evangélicos do Antigo Testamento.
Uma obra abrangente e fácil de usar.



PETER J.
WILLIAMS

A SURPREENDENTE
GENIALIDADE DE
JESUS

O que os Evangelhos
revelam sobre o maior de todos
os mestres



A surpreendente genialidade de Jesus

O que os Evangelhos revelam sobre o maior de todos os mestres

Peter J. Williams | 14x21 cm | 144 p.

Nessa obra, Peter Williams examina a história dos dois filhos em Lucas 15, a fim de mostrar a genialidade, criatividade e sabedoria dos ensinamentos de Jesus. Com histórias simples, ainda assim contundentes, Jesus confronta os fariseus e escribas de sua época, aproveitando seu conhecimento das Escrituras judaicas para ensinar seu público, por meio de camadas e temas complexos. Williams desafia os que duvidam que Jesus realmente seja a fonte das parábolas registradas nos Evangelhos, indicando aos leitores a verdade de Jesus e por que isso é importante hoje.

Josué: comentário exegético

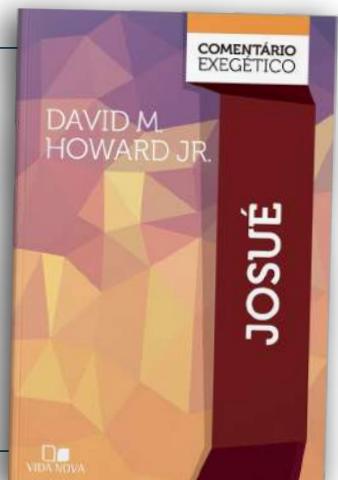
David M. Howard Jr. | 16x23 cm | 640 p.

Nesse excelente comentário, David Howard nos oferece um estudo versículo por versículo do livro de Josué. Um dos principais pontos fortes de Howard nesta obra são seus estudos de palavras de praticamente todos os conceitos teológicos de cada texto. Ele conecta o leitor constantemente com usos semelhantes das palavras e conceitos em outras partes do Antigo Testamento, especialmente do Pentateuco. Além disso, todas as principais dificuldades teológicas são discutidas detalhadamente, seja na introdução, seja no corpo do comentário.

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

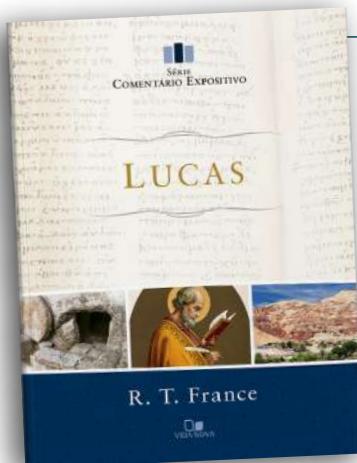
DAVID M.
HOWARD JR.

JOSUÉ



Ame aqueles que te enlouquecem
Oito verdades para promover a unidade na sua igreja
Jamie Dunlop | 14x21 cm | 192 p.

Nessa obra, Jamie Dunlop explora oito verdades encontradas em Romanos 12 a 15 que nos ensinam como encontrar a unidade mesmo diante daquelas pessoas que lutamos para amar.



Lucas - Série comentário expositivo

R. T. France | 17x23 cm | 400 p.

O Evangelho de Lucas fala sobre o que Jesus veio trazer. É uma narrativa acerca da salvação, repleta de encontros de Jesus com pessoas perdidas e, com frequência, marginalizadas — que conta como Jesus transformou a vida delas. Também é *história* da salvação, uma vez que Lucas situa seu relato criteriosamente no contexto histórico de sua época e no contexto profético da história mais ampla de salvação divina. Neste comentário, o conhecido estudioso R. T. France oferece valioso conhecimento histórico, teológico e prático para quem deseja ensinar e pregar fielmente a importante mensagem de Lucas.

Cristianismo impossível

Seguir Jesus não exige que você mude o mundo, seja especialista em tudo, aceite o fracasso espiritual ou se sinta infeliz sempre

Kevin DeYoung | 14x21 cm | 144 p.

Essa obra tranquiliza os leitores, mostrando que não é necessário carregar o peso de uma culpa coletiva pelos pecados do passado ou solucionar todos os problemas sociais do presente. Com uma combinação de sabedoria bíblica e histórias pessoais cativantes, Kevin DeYoung desafia a ideia equivocada de que precisamos de dias de 40 horas para sermos bons cristãos. Ao explorar o que Jesus realmente ensinou sobre o discipulado, o livro inspira os cristãos a buscarem uma devoção genuína a Deus, descobrindo a alegria duradoura em uma vida de obediência simples e sincera.

